

Estrela do Faro

Redacção — Equipa Redactorial: MARCELINO PEREIRA, ALFREDO FARIA E FERNANDO FONSECA

Director: PADRE JOSÉ PIRES AFONSO

Composto e impresso na Gráfica Casa dos Rapazes — Viana do Castelo

EDITORIAL

Monte do Faro -- Um tesouro abandonado

Pelo P.º José P. Afonso

Muita gente conhece, de longe o Monte do Faro. Situado num lugar proeminente, com uma altitude razoável — cerca de 200 metros acima do nível do mar — sobranceiro às estradas Esposende-Barcelos e Porto-Viana, são aos milhares as pessoas que continuamente contemplan o picoto do Faro.

E tudo fica por aqui.

Porque o Faro não tem acesso fácil, nem se têm feito diligências para que se consiga, e ainda porque não se tem promovido a valorização daquele lugar tão pitoresco, ele continua lastimavelmente esquecido e abandonado.

Que o local tinha condições de aproveitamento, é indiscutível. O planalto do monte é vasto, com espaço e terrenos que dão possibilidades de largo desenvolvimento no futuro.

É muito natural que num futuro mais ou menos distante, ali se venham a fazer construções em óptimas condições de salubridade e paisagem. O Turismo pode ter no Monte do Faro um dos lugares mais atraentes do concelho de Esposende. O local é convidativo, pelo sossego e pelo isolamento de que por enquanto goza em absoluto.

Os ares são magníficos, num misto de marítimos e alpestres, sem mescla de qualquer sombra de poluição.

Há, porém, uma dificuldade grave que tem obstado e obsta ainda à descoberta do Faro: é a falta de acesso fácil. O alto do Monte está muito próximo da estrada Barcelos-Esposende e também da Vila de Esposende. Falta, porém, uma via fácil para lá chegar, que não existe, nem para carros, nem sequer para peões. Este é o grande obstáculo para que o Faro «abra as suas portas» a todos quantos lá queiram subir. A ida de carro ao cimo do monte não será difícil, mas não é viável a curto prazo, pois obrigará à construção duma estrada algo dispendiosa, de cerca de dois quilómetros, através do monte, pelo lado norte.

Esse melhoramento viria valorizar grandemente os terrenos da serra, facilitando o escoamento dos seus produtos: madeira, lenhas e mato.

Esta estrada não é difícil de construir, pois não há obstáculos a vencer e já existe o caminho trilhado pelos

(Continua na 6.ª página)

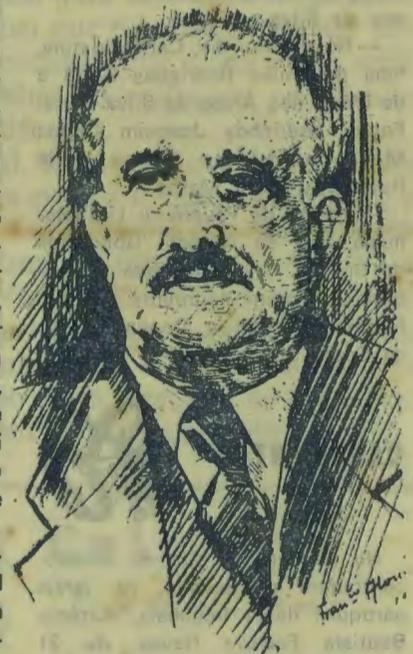
Panorama

Na forja uma homenagem ao escritor Manuel de Boaventura

Por Marcelino Pereira

Desde há tempos a esta parte, que tenho pugnado e lembrado um acto de elementar justiça e sem favor, ao nosso saudoso conterrâneo escritor Manuel de Boaventura. Várias têm sido as vezes que tenho batido esta tecla, na imprensa e mesmo em conversações com várias personalidades admiradoras do Artista, fazendo eco quase insistente sobre a necessidade de ser prestada homenagem condigna, àquele que foi um grande escritor regionalista e a quem muito esta região minhota, ou melhor dizendo, este «Jardim de Portugal», tanto e tanto deve, pela forma como foi cantado e retratado pelo saudoso Mestre, em toda a sua pujante e moralizadora (toda ela) obra.

Não fora o seu arrojo e o inebriante amor pelo rincão regional de que tanto se enamorou, com aquele amor aborígene que só mesmo os Poetas e os Artistas sabem sentir, se não fora o seu amor enfeitiçado e extasiado por tudo o que é belo. dizíamos, quanto tesouro artístico, literário, se teria perdido nas poeiras do tempo!



É que toda a sua obra literária, é uma vasta miscelânea de tratados e investigações aprofundadas. Desde o romance à novelística,

(Continua na 4.ª página)

Subsídios para a história de Palmeira do Faro

«COUTO E HONRARIAS»

Dando seguimento ao nosso último apontamento sobre reminiscência da origem de Palmeira do Faro (Palmeira de palmeiros + Faro de ferrol), hoje o tema tem como tese o couto e honrarias da freguesia, pois tem sempre interesse a sua definição. Mas, antes, saindo um pouco deste aprofundamento, queremos esclarecer que, é aqui que nasce o altaneiro Monte do

Faro, com 184 metros de alto parecendo querer competir com o Azul... A sua cordilheira como que a espreguiçar-se, serpenteia até às terras de Viana...

É ainda do seu telefe que se vislumbra o panorama, policromo, de terras palmas e sobranceiras, assim: a ocidente o casario de Ma-

(Cont. na 2.ª pág.)

Noticiário Paroquial Subsídios para a história de Palmeira do Faro

(Continuação da 1.ª página)

BAPTISMOS



Foram baptizados nesta freguesia as seguintes crianças:

— Em 4 de Fevereiro, Ana Carolina, filha de Agostinho de Lima Miranda e Maria Goretti Oliveira Palmeira. Foram padrinhos Carlos Alberto de Oliveira Palmeira e Maria da Conceição Lima dos Santos.

— Em 5 de Fevereiro, Susana Maria, filha de António Miranda Felgueiras e de Maria Fernanda da Cunha Reis Felgueiras. Foram padrinhos José Manuel Felgueiras Ribeiro e Maria Augusta Cunha Reis Pinto de Oliveira.

— Em 5 de Fevereiro, Sérgio Manuel, filho de Manuel Miranda Felgueiras e de Olívia da Glória Ribeiro Monteiro. Padrinhos Ramiro Alves de Miranda e Lúcia Gonçalves da Silva.

— No mesmo dia, Carla Cristina, filha de Emílio Rodrigues Serra e de Maria dos Anjos da Silva Serra. Foram padrinhos Joaquim Carlos Meira de Matos e Maria Amélia Rodrigues Serra Matos.

— Em 12 de Fevereiro, Lita Manuela, filha de António Gonçalves da Silva e Maria Deolinda Gomes Simões. Foram padrinhos António Ferreira Simões e Deolinda Júlia da Costa Gonçalves.

CASAMENTOS



No dia vinte e oito de Janeiro, contraíram matrimónio, na igreja paroquial desta freguesia, António Baptista Ferreira Neves, de 21 anos, filho de Manuel Alves Ferreira Neves e de Florinda Miranda Baptista, e Maria de Lurdes Santos do Vale, de 20 anos, filha de Henrique Sousa do Vale e de Deolinda Gonçalves do Vale.

Os noivos, a quem desejamos felicidades, fixam residência no lugar de Eira d'Ana.

OBITOS



Como já noticiámos no último número deste jornal, faleceu em França, inesperadamente, o jovem, Valentim de Lima Miranda, nosso conterrâneo. O seu cadáver chegou a esta freguesia na tarde do dia 24 de Janeiro, sendo depositado na Capela de Santo António até à tarde do dia 25, donde foi trasladado, com grande acompa-

nhamento automóvel até à igreja de Vila Chã, onde se realizaram as exéquias por sua alma, sendo depois sepultado no cemitério daquela freguesia.

— Depois de longa doença, faleceu no lugar de Terroso, no dia 25 de Janeiro a sr.a Rosa de Sá Dias (Codeça), de 90 anos de idade, solteira, que vivia na companhia de sua irmã Maria. Era ainda irmã da sr.a Amélia de Sá Dias. O seu funeral realizou-se no dia 27 com bom acompanhamento, e as cerimónias litúrgicas habituais.

— No dia 28, faleceu na vila de Esposende, onde vivia, há algum tempo, com sua filha Rosa, a sr.a Maria Fernandes da Silva, viúva, de 84 anos de idade, natural desta freguesia, onde quasi sempre viveu. Era mãe da sr.a Idalina Fernandes de Faria, casada com o nosso amigo, sr. Manuel Gonçalves Dias.

— No dia 7 de Fevereiro, faleceu no Hospital de S. João, este simpático jovem, José Laurentino Miranda Teixeira, vítima dum acidente de viação, ocorrido no dia anterior na estrada Barcelos-Esposende. A sua morte foi muito sentida por inesperada e por se tratar dum pequeno alegre, expansivo e muito querido de todos.

Era filho estremecido do sr. Porfírio Pereira Teixeira e de Elvira Matos Miranda, já falecida. O seu funeral realizou-se no dia 10 com numeroso acompanhamento, e num ambiente de sentida consternação.

Paz aos finados e condolências a suas famílias.

TEMPO DE QUARESMA

Com a cerimónia das Cinzas, tão expressiva no seu significado, entramos no tempo austero da Quaresma. É a quadra litúrgica mais rigorosa de todo o ano e séculos de tradição cristã assim a entenderam e viveram.

Não mudou a doutrina da Igreja e, embora mitigados certos preceitos penitenciais de carácter mais externo, somos instantaneamente aconselhados a manter o aspecto penitencial deste sagrado tempo da Quaresma em que estamos plenamente mergulhados.

Tempo de recolhimento interior, de oração mais intensa de mortificação e penitência, por sua natureza, é dentro destes espírito que devemos viver estas semanas que nos separam da Páscoa, o ponto central do ano cristão, para o qual este período quaresmal é destinado a preparar-nos. Convença-se cada um de nós de que esta tarefa é importante, necessária e muito pessoal.

REPARAÇÃO DA IGREJA

Recebidos dos técnicos os ele-

mentos necessários para completar o processo documental, foram convidados dois empreiteiros para já, para fazer os estudos necessários do projecto a fim de apresentarem as propostas para a realização das obras programadas de restauro da Igreja Matriz.

Ainda não deram, até agora, a resposta que se aguarda para breve, depois do que a Comissão das Obras se pronunciará.

PREPARAÇÃO QUARESMAL

Na 3.ª semana da quaresma, como é costume, haverá na igreja paroquial uma série de conferências preparatórias para a festa do Sagrado Coração de Jesus, a realizar no dia 5 de Março, incluindo as confissões para o cumprimento do preceito pascal. O conferente, professor do Seminário de Braga, é dotado de excelentes qualidades oratórias, pelo que vai despertar com certeza, vivo interesse nos ouvintes.

Esta freguesia foi couto muito antiquíssimo, pois já nos aparece com essa regalia no século XIII, isto é, no ano de 1220. Segundo nos revelam as Inquirições desse mesmo ano, na parte referente ao tratado da freguesia de S. Miguel Zopaes (Marinhas) já se pode ver e esclarece: «Item omeos de Goyus metem sse no Couto de Palmeira e de Faro e vam lavar a erdade foreira de Goyus e non querem dar na renda e torna sse sobre los omeos de Goyus».

Segundo parece, este couto ou regalia viria a passar mais tarde para posse das freiras de Santa Clara, de Vila do Conde, como, ainda hoje parece que se não sabe bem, porém o certo é que passou a ser pertença também desta ordem.

Desta Ordem de freiras, depois este couto e honra transitou para novo senhor a quem eram devidas todas honras e lisuras. Tanto assim que podemos referir o extracto dum documento que existiu na posse do Padre Benjamim dos Santos Portela, natural desta freguesia e que durante muitos anos foi prior de Apúlia, padre este que faleceu nesta freguesia, na sua casa e

quinta de Cima de Vila, no lugar de Terroso, no ano de 1941: «Em 24 de Setembro de 1670, foi renovado o prazo de vidas do Couto e Honras de Palmeira, a Pedro Carneiro Gaio, solteiro, filho que ficou de Manuel Gaio de Carneiro, Fidalgo da Casa Real e última vida».

Por esse mesmo documento, que era uma certidão extraída do livro dos Prazos n.º 11 daquele convento, via-se que aquelas freiras foram senhoras durante muito tempo desta Honra, que depois mais tarde a emprazaram redimida num foro de mil e esiscentos reis de contado, isto é, transmitiram os seus direitos ao referido Carneiro Gaio, que por si, como enfiteuta das mesmas honrarias, podia fazer prazos e lavradores ou todos aqueles que trabalhassem nas mesmas terras.

Mas aqui, há um pormenor a merecer profunda atenção. É que, segundo os documentos de que dispomos, para falarmos e investigarmos estas considerações que poderão vir a servir para subsídios dum futura história ou monografia desta freguesia, diz ter sido feito António Martins Gaio, que viveu por meados do séc. XVI, o primeiro enfiteuta e senhor desta Honra. Será que na verdade teria sido ele o primeiro enfiteuta? Haçães dão como possível tal, pois a renovação do prazo a que atrás me refiro, parece ter sido ao neto por o pai ser já terceira vida.

Segundo o «Nobiliário» de Felgueiras Gaio bem como o «Suplemento à Memória Histórica» do Abade do Louro, começam por chamar àquela o Senhor da Honra de Palmeira. Ora, isto tem qualquer significado, confirmando tais ilações. Tais definições, dizem-nos que esta Honra continuou a perdurar nesta família até à sua extinção, cuja data não posso precisar.

Palmeira do Faro é, efectivamente, uma povoação bastante remota, pois já nas «Inquirições» do ano de 1220 nos aparece com a designação de «Sancta Eulália de Palmeira, nas terras de Neiva» (Terras de Neiva). Diz ainda as mesmas Inquirições, que o rei não tem aqui qualquer reguengo, mas dão de vila de Terroso por voz e calúnia 5 morabitinos ou maravedis (antiga moeda gótica com o valor de 27 reis cada morabitino), de Palmeira e Susão 7 morabitinos e mais um carneiro. Há ainda outros foros e compromissos, pois para não sermos demasiado fastidiosos na nossa exposição, preferimos tratar no próximo número as revelações das Inquirições seguintes, isto é nas de 1258. Daqui até lá, esperamos ter prestado uma informação útil e que possa vir a ser válida.

Marcelino Pereira

Temas e problemas

A AGRICULTURA QUE TEMOS

Por ALFREDO FARIA

A lavoura continua a ser a indústria que mais «escravos» tem ao seu serviço. Esta frase por muito dura que seja, reflecte afinal de contas, a maneira de viver e toda a problemática das classes ligadas à média e pequena lavoura. Não serão também os próprios agricultores cúmplices desta situação? Creio bem que sim.

No sector da pecuária acontece que os preços são feitos à base do muito ou pouco gado que aparece nas feiras, onde a especulação e oportunismo da venda «a olho» tem aí experimentados «profissionais», que se aproveitam da ignorância do agricultor. A venda na base da balança, é pouco vulgar, o que resulta como é do conhecimento de toda a gente, que os bovinos são negociados a «olho», muitas vezes, se não na sua quasi totalidade, com a intervenção dos «apaniguados» misseiros dos negociantes, que em vez de defenderem a classe, armam-se em sabichões, começando por pôr defeitos aos animais, que ora são muito pretos, ora são muito brancos, com cabeças feias, com ou sem estrela, como se a carne e o leite sejam produzidos por esses fenómenos que se apontam; assim vão fazendo o cerco, obedecendo a interesses que não os do agricultor, sempre na mira da «missa»; vem um faz outra oferta e combinamos com outros que vem oferecer menos, conseguem que o agricultor, chegue ao fim da feira com o animal por vender ou sujeitando-se a vender por menos uns milhares de escudos ou trazem novamente o animal para casa, deixando de realizar uma transacção que lhe faria jeito para orientar a sua vida.

Também a venda do gado tem as suas épocas de melhor ou pior preço, de melhor ou pior procura, mas um facto curioso é que mesmo quando o preço anda por baixo, o consumidor tem de pagar sempre por bom preço, a carne que vai buscar ao talho ou ao supermercado. Esta baixa na compra dos bovinos ao agricultor, não se verifica de igual modo na carne que compramos no talho, antes pelo contrário.

Penso por tudo o que se disse e o que se passa, todos os dias era altura mais que suficiente, para que o produtor passasse a fazer as suas vendas a peso, para não sucederem tais atropelos.

Outra questão que desejava abordar é a que se passa com o preço da batata, que nestas últimas feiras baixou ao cúmulo de pouca vergonha, vendendo-se a

30\$00 a arroba. Será que os pobres agricultores nem assim sentem necessidade de se organizarem para dizer não a esta ridícula situação? Pois se assim não acontecer, não faltará quem cada vez mais apareça a comer à custa do seu suor. Se repararmos no preço a que se comprou a semente (24\$00 o quilo), o custo dos pesticidas, herbicidas, adubos, e o consumo das máquinas, não entrando já em linha de conta o seu trabalho, não teremos de no fim da campanha de vender um bezerro, para cobrir os prejuízos? Estamos em véspera de nova campanha da batata. Quem irá semear sem ter de antemão os preços garantidos e um seguro que cubra os riscos da colheita?

O que se irá gastar já está tabelado, contando ainda com os aumentos imprevistos que podem surgir a todo o momento. Por todos estes motivos já apontados, a classe agrícola teria e tem de fazer valer os seus direitos e no caso de não serem satisfeitos num mínimo indispensável e legítimo, teremos de dizer não ao trabalho gratuito, visto não estarmos em tempo disso. Se verificarmos que o nível de vida aumenta para todos os sectores, reparamos em contrapartida que os que trabalham de sol a sol, num trabalho exaustivo e muitas vezes ingrato, não tem ou quase nada tem que lhes assegure a sua sobrevivência.

Caixas de Crédito Agrícola Mútuo -- é preciso dar-lhes vida

O apoio organizado à lavoura é um dos problemas que o nosso país tem que resolver a curto prazo. Este apoio fundamentalmente técnico e financeiro, pode ser oferecido pelo Estado e também pelos próprios lavradores que se associam em ordem à satisfação das suas necessidades no campo da técnica e do crédito.

As Caixas de Crédito Agrícola Mútuo são organizações cooperativas que se começaram a espalhar por todo o país a partir de 1911 em que foram instituídas por um decreto de Brito Camacho.

Até 1920 foram criadas 95 caixas; até 1930 mais 67; até 1940 outras 48; até 1950 mais 18; até 1960 cerca de 17; até 1970 apenas 4; e até 1976 só outras 2. Todavia destas 51 Caixas apenas existem hoje 142, pois como se verificaram algumas fusões e dissoluções. Em 1976 o número de associados cifrava-se em cerca de 60.000, si-

EDITORIAL

(Continuação da 1.ª página)

carros de bois. Quando concluída a estrada abrirá o monte ao grande turismo. Esta via de acesso deve ser, pois, um objectivo a propor como necessário e insubstituível. Entretanto, há que abrir, imediatamente, outro caminho para o monte, de execução fácil e rápida. Isso é muito possível, levando os carros até à encosta do monte, do lado nascente, em Palmeira, aonde se chega facilmente, subindo-se depois a pé até ao vértice do Faro por um atalho, que se deverá preparar nas melhores condições possíveis.

Este percurso a fazer a pé não será longo, nem muito íngreme e também tem o seu quê de útil e pitoresco, entre penedos e pinheiros.

Tudo isto ia cogitando quando, num dos dias parados deste Fevereiro que vai em meio, fui mais uma vez, visitar a serra e o monte do Faro, recordando outras visitas feitas anos atrás.

O monte estava vestido duma névoa branca que lhe esbatia, os contornos e os horizontes eram limitados. Dominava o ambiente um silêncio profundo que só era recortado pelo canto suave e harmonioso das humildes aves silvestres. Que belo local para repouso e meditação!

Mais uma vez verifiquei que é lamentável estar um sítio destes totalmente esquecido e que ainda agora seria plenamente virgem, se a febre do volfrâmio por lá não tivesse passado, há umas décadas.

Hoje ficamos por aqui. É natural que voltemos ao assunto. Desde já apelamos para a Câmara Municipal e Comissão de Turismo de Esposende a fim de olharem com carinho pelo aproveitamento turístico do monte do Faro, pois sem o auxílio oficial nada se poderá fazer de válido. Do que estamos certos é que aquelas entidades poderão contar nas suas iniciativas relativas ao turismo do Faro, com a colaboração desta freguesia de Palmeira, que o possui dentro dos seus limites geográficos.

Culinária

A RECEITA DO MÊS

Estamos em tempo de matanças de cevados. A época está a decorrer propícia e convida a tal missão. Assim, quase todos tratam as suas matanças para, chegada esta maré, terem em suas casas um pequeno talho. Em face de tal e dado me ter sido feito convite a colaborar com a minha pouca experiência de culinária, dentro dos meus poucos conhecimentos, pois sempre que possível aqui darei informações. Começamos então pelas carnes de porco, para o que dou o nome de «Lombo Recheado».

— Esfrega-se o lombo com alho picado, sal e margarina. Com a ponta de uma faca aguçada, tira-se a carne do meio do lombo, passa-se pela máquina e faz-se um refogado com margarina e cebola e onde se refoga a carne picada. Junta-se pão miolo embebido em leite

gnificando um número médio de 420 membros por organização cooperativa de crédito.

De facto, apenas 45 Caixas de Crédito têm um número de associados compreendidos entre 400 e 1.000 associados e 11 com mais de 1.000 membros. Esta situação deve-se ao facto de a maior parte destas associações estar implantada em pequenas vilas rurais. Os seus associados são modestos agricultores que recorrem a estas caixas para empréstimos pouco vultuosos. Em 1976 foram concedidos 27.894 empréstimos a associados num valor total de cerca 2 bilhões de escudos. Este valor corresponde apenas a 1/3 da capacidade de crédito destas Caixas, o que se afigura estranho num país caracterizado pela carência de capitais dos produtores agrícolas. Esta situação só é explicável pelas dificuldades burocráticas ainda em vigor, pelo que se torna indispensável actualizar a legislação que regula estas associações de crédito mútuo.

(Do «POVO RURAL»).

(Continua na 4.ª página)

Panorama

(Continuação da 1.ª página)

desde a reportagem à etnografia, desde a filosofia à toponímia, tudo se define e resume num enfaixamento de temas mais reais que de ficção, desta verdejante e aprazível pradaria, que é o Minho, desde o Ave até ao Lima!

Contactos tidos com algumas personalidades dentro do sentido e da razão elementar de tal acto, dão-nos a garantia da sua objectiva adesão em prol dum programa favorável...

A semente está lançada, promete-se passar ao campo de acção, estando um dos focos operacionais e espontâneos, localizado em Viana do Castelo. Os escritores Matias de Barros e Filipe Fernandes, são duas das travessas mestras e impulsionadoras desse movimento, naquela fidalga cidade. Também o escritor Dr. Falcão Machado, apoiou e sugere a reedição da obra de Manuel de Boaventura, sugestão essa que deve merecer o incondicional apoio das entidades competentes, o que, efectivamente, seria uma valorização consentânea do espólio da literatura regionalista.

Matias de Barros no n.º 592 de 11-2 em «A Voz do Minho», coligiu e inseriu brilhante recorte biográfico do autor do «Solar dos Vermelhos» e, no número anterior fez também o Dr. Falcão Machado, redacção de apreço e estímulo ao conceito de tal homenagem póstuma. Meses atrás e pela voz do Dr. Armando Saraiva, também o Rotary Clube de Esposende se pronunciou favoravelmente a uma tal iniciativa.

Este redactor, amigo e colaborador de Manuel de Boaventura, vezes inúmeras tem eventado tal movimento de apreço e justiça. Ainda o Mestre labutava na confecção e feitura dos seus trabalhos e estudos, portanto ainda em vida, fez-se eco várias vezes, alertando as gentes do meu concelho à meditação dum gesto de justiça, apreço e gratidão para o Artista. Parece contudo, que as entidades responsáveis de então não se deduziam muito sobre o significado... Barcelos e Riba d'Ave foram terras de gratidão e profunda admiração pela obra e talento de Manuel de Boaventura, homenageando-o dentro dos seus muros. Mas, infelizmente, nem este gesto de respeito e fidalguia, até hoje serviu de incentivo para Esposende, afinal a sede do concelho onde Boaventura nasceu e viveu, escreveu toda a sua obra, morreu e repousa, o que parece ter cabimento a frase de que «Santos do pé da porta...»

Como hoje há uma estrutura política muito mais esclarecida, como já está alicerçado e em fase de arranque seguro e prometedor, um organismo sócio-cultural, onde parece existir a eficiência selectiva,

caso do Rotary Clube de Esposende, é natural que com os alertas já dados, como bem disse Matias de Barros no seu último comentário, tenha efectivamente uma palavra a dar. É que, como as entidades de outrora, não podemos ficar indiferentes e apáticos a um tal programa. Já que não sabemos ir na vanguarda, saibamos pelo menos seguir o exemplo.

Pois que seja prestada justiça condigna ao mérito; que haja efectivamente, como diz Falcão Machado, uma corrente dinamizadora de valorização do regionalismo minhoto, reeditando-se as obras de Manuel de Boaventura. Secundando Matias de Barros, o Rotary Clube de Esposende e a Câmara Municipal têm uma palavra a dizer. Esperámo-la com firmeza.

Miscelânea

FASES DA LUA EM MARÇO

Durante este mês haverá Quarto Minguante no dia 2 às 8 horas e 34 minutos. Lua Nova, aparecerá no dia 9 às 2 horas e 36 minutos. Quarto Crescente em 16 às 18 horas e 21 minutos e Lua Cheia às 16 horas e 20 minutos do dia 24.

ERAS CRONOLÓGICAS

O ano de 1978 corresponde aos anos: 4322 do dilúvio bíblico; 2016 da era de César; 1978 do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo; 1398 da era muçulmana; 101 da invenção do telefone; 81 da aviação; 80 da invenção da telefonia sem fios; 43 da televisão; 34 da era atómica; 21 do lançamento do primeiro satélite; 17 do lançamento dos primeiros astronautas; 9 dos primeiros homens a pisar o solo lunar.

MARÇO 31 DIAS

Durante o mês de Março, ou seja do dia 1 a 31, os dias crescem 1 hora e 18 minutos. Assim teremos o dia 1 com 12 horas e 18 minutos, e a noite com 12 horas e 42 minutos; o dia 31 terá de noite 11 horas e 28 minutos e de dia 12 horas e 32 minutos. O dia e a noite do dia 20 deste mês são iguais. Este mês é Equinócio da Primavera.

TARIFAS DE ENERGIA ELÉCTRICA

A Tarifa doméstica importa em 1\$00 por cada kwh de consumo. A Tarifa não doméstica importa em 1\$40 kwh de consumo.

Os contadores de 5 amperes para a doméstica — 22\$00; De 10 amperes — 66\$00.

Os contadores de 5 amperes para a não doméstica — 66\$00; De 10 amperes — 66\$00.

CULINÁRIA

(Continuação da 3.ª página)

e deixa-se continuar a refugar. Depois disto, tira-se do fogo e junta-se 1 ou 2 ovos para ligar a massa e volta ao lume. Retira-se da massa ligada, juntam-se ovos cozidos e cortados às rodelas, pedacinhos de azeitonas e pedacinhos de presunto, mexendo tudo muito bem. Depois recheia-se, enrola-se em toda a volta, com força, um fio.

Assa-se num pirex, regando sempre com o próprio molho.

Este pitéu deve ser acompanhado com arroz branco, ou ainda com puré de legumes cozidos, ou ainda com pastelinhos de puré feitos com siringa. Fica muito saboroso e deve ser regado com cerveja ao paladar. Espero que tenham gostado e aqui fica a minha despedida com um abraço da

MARIA DO CARMO

Parabéns a você

Fizeram anos e estiveram de parabéns:

Em Março:

Dia 1 — D. Maria Helena Boaventura da Silva, em Lisboa.

Dia 2 — Menina Cecília Maria da Mata Neto, em Eira d'Ana e António Bajão Afonso em Barral.

Vão fazer anos e estarão de parabéns:

Em Março:

Dia 7 — Manuel Adriano Lima Neiva, estudante em Eira d'Ana.

Dia 8 — Maria de Lurdes da Quinta Neto, na Póvoa de Varzim.

Dia 22 — Menina Maria Manuel Afonso de Faria, no Barral e Menina Ana Maria Jesus da Costa, em França.

Dia 24 — Manuel da Cruz Ferreira Jardim, em Eira d'Ana.

Dia 28 — Alfredo Gonçalves Rosa, em Viana do Castelo.

Dia 30 — José Pereira de Vilar, em Leixões.

Dia 31 — José Adelino Dias Ferreira, em Goios.

Fizeram anos em Fevereiro e estiveram de parabéns:

Ana Fernandes Lima, Eira d'Ana.

Maria Ercília Fernandes do Vale, na África do Sul.

Manuel Fernandes do Vale (pai) em Eira d'Ana.

Maria Delfina Fernandes do Vale, no Porto.

Angelina Fernandes Monteiro, em Eira d'Ana e António Albino Cruz Faria, em Eira d'Ana.

Flasch local

INSPECÇÕES DE 1978

Por informações colhidas junto do Distrito de Recrutamento Militar de Braga, o «Estrela do Faro» soube que as inspecções militares dos mancebos recenseados para 1978, se realizam no próximo dia 7 do corrente, em Viana do Castelo.

ACIDENTE DE TRABALHO

Esteve hospitalizado, por queda de relativa gravidade, o nosso assinante sr. António Valença Coelho, morador o lugar de Susão, que felizmente já se encontra em convalescença em sua casa. «Estrela do Faro» deseja-lhe rápidas melhoras.

POSTO DE TRANSFORMAÇÃO DE ENERGIA

Já se iniciaram os trabalhos de implantação do P. T. localizado no terreno de Santo António e que futuramente servirá toda a zona de Faro, Santo António e Barral.

CORTEJO DE SANTO ANTÓNIO

A semelhança dos anos anteriores, realizar-se-á no próximo domingo dia 19 (domingo de Ramos), o tradicional cortejo a favor das festividades de Santo António. Espera-se e deseja-se afluência de oferendas e o brilho acostumado.

Contas da Festa de Santo António de 1977

A Comissão de Festas de Santo António de 1977, faz saber como se distribui a Receita e a Despesa, relativas às mesmas festividades realizadas em Junho de 1977,

RECEITA

Cortejo	82.286\$70
Peditório nos Lugares	53.060\$00
Peditório durante a Procissão	5.203\$00
Esmolas no Prato	1.500\$00
Promessas	2.200\$00
Esmolas da Caixa	1.666\$90
TOTAL	145.916\$60

DESPESA

Música	23.000\$00
Conjuntos	10.000\$00
Fogo para a Festa	20.000\$00
Fogo para o Cortejo e inauguração	2.250\$00
Ornamentação	18.500\$00
Armador	5.050\$00
Serviços Municipalizados	2.050\$00
Despesa com Padres e Músicos	4.200\$00
Propaganda	2.320\$00
Despesa com o homem do altifalante	172\$50
Despesa com o homem do fogo	750\$00
Correspondência	96\$00
Licenças	359\$00
Cantadores	5.385\$00
Fanfarras	4.500\$00
Padres para a Procissão	600\$00
Cantoras	1.500\$00
Ornamentação da Capela	1.550\$00
TOTAL	102.282\$50

RESUMO

RECEITA	145.916\$60
DESPESA	102.282\$50
SALDO	43.634\$10

Obras da Capela de Santo António

OFERTAS

Peditório	99.117\$50
Oferta da Sra. Madalena para a Cruz	3.000\$00
Oferta das cantoras para a Cruz	1.500\$00
Entrega da Comissão de 1972	2.750\$00
Entrega da Comissão de 1974	10.500\$00
Saldo da Festa de 1977	43.634\$10
TOTAL	160.501\$10

CUSTO DAS OBRAS

Materiais de Construção	56.154\$60
Portas	18.215\$00
Desenho do Santo	4.000\$00
Estucador	34.500\$00
Mão-de-obra	85.572\$50
Reparação na Cruz	806\$00
Serviço na Lâmpada	6.067\$00
Electricista	1.792\$50
Serralheiro	700\$00
TOTAL	207.807\$60

RESUMO

OFERTAS	160.501\$10
CUSTO DAS OBRAS	207.807\$60
DÉFICIT	47.306\$50

Solidariedade

Vamos ajudar o Zé Marques a construir a sua casa

Todos conhecem o Zé Marques. Vivendo dos seus magros proventos que lhe advém do trabalho agrícola, rodeado de cinco filhinhos de tenra idade, vítima em pouco mais de um ano, de duas quedas graves que o deixaram seriamente doado, física e psiquicamente, vivendo numa casa que não é sua, sem um mínimo de desafogo ou conforto, abalançou-se ou vai abalançar-se a construir o seu «barracão» com ele diz, num terreno cedido pelo sogro. Todos sabemos o quanto custa nos dias de hoje construir uma casa, por mais modesta que ela seja. É a mão-de-obra, são os materiais, os projectos, as licenças, e tudo o que estas iniciativas acarretam e tornam necessário. Pois, o Zé Marques, terá de fazer face a estas dificuldades, a estas despesas, que não conseguirá vencer, disso estamos certos, se a freguesia não se solidarizar com ele, dando-lhe um pouco de ajuda, que se pode revestir de inúmeras formas. Desde a contribuição em dinheiro, à oferta de materiais (madeira, areias, tijolo, transportes, etc.), passando pela colaboração em mão-de-obra gratuita, tudo seria bem aceite e com o penhor dum obrigado sincero, que é sempre apanágio dos humildes. Possivelmente alguém irá bater às vossas portas com esta finalidade, pessoas que procurarão desinteressadamente ajudar um conterrâneo em dificuldade, necessitado de apoio material e calor humano. No entanto, as vossas generosas ofertas, poderão ser endereçadas directamente ao Zé Marques, que posteriormente aqui neste jornal serão mencionadas, se as pessoas visadas nisso não virem inconveniente.

Os que melhor podem aos que mais precisam; é divisa sempre a ter em conta, indo conseqüentemente ao encontro daquela célebre frase de Jesus Cristo: — «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei».

CANTINHO DA SAUDADE

Foi com profundo pesar que recebemos a notícia do falecimento do Padre Benjamim Salgado. É verdade, quase não acreditávamos! Imprevistamente, em 28 de Janeiro, aquele ilustre homem de letras faleceu, na sua vivenda de Vila Nova de Famalicão.

Grande e ilustre amigo, por quem tínhamos muita estima e apreço, escitor e jornalista, dirigente político e musicólogo, o Padre Benjamim Salgado desempenhou vários cargos, entre os quais o de Presidente da Câmara de V. N. de Famalicão, director do Orfeão daquela localidade, director do Museu Camilo Castelo Branco e pároco também, em S. Paio de Antas deste concelho. As obras literárias que deixou, são de quilate muito apreciado e valor. Conheçemo-lo um dia na Casa de Susão, quando aí se encontrava em cavaqueira amena, com o também saudoso Manuel Boaventura.

O «Estrela do Faro», apresenta a toda a sua família em luto, o mais profundo pesar e reza uma prece pelo seu eterno descanso. Manuel Rodrigues Laranjeira

Mestre da Banda de S. Paio de Antas

Faleceu em 19 de Janeiro passado em S. Paio de Antas, sua naturalidade, o sr. Manuel Rodrigues Laranjeira, regente da Banda de S. Paio de Antas, mais conhecida por Banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende. O seu dinamismo, profundo amor à Banda que fundou, e popularidade que soube grangear por toda a parte, muito ficou a dever a Banda, a freguesia e próprio concelho.

Paz à sua alma e à família sentidas condolências.

TAXIS FARIA

GEMESES — ESPOSENDE

De Alfredo Pereira de Faria

TELEFONE P. F. 89602 e 89773

Abílio Lima Azevedo

VILAR — CURVOS

TUDO PARA CARPINTARIA

Vida desportiva



Como focávamos no último número, o DIF viveu em determinado período do ano passado, momentos de apatia que se tinham generalizado a dirigentes, adeptos, associados e até aos próprios atletas. Dizíamos então, que a crise estaria vencida, e que seria de todo conveniente insuflar sangue novo na equipe e no Clube, através duma participação mais efectiva e entusiasta da nossa juventude. Certo, que essa participação não se tem verificado, mas a Direcção, contrariando até certos detractores, que aqui e em todo lado sempre existem, tem procurado resolver os problemas e até ir mais longe: sonhar com outra dimensão para o Clube e no caso mais vertente, para o seu futebol. A nosso ver, o Clube amfienha desde a sua formação pela ausência de estruturas internas, que lhe possam assegurar continuidade e um mínimo de organização. Seria bom que essas estruturas fossem criadas, pois muito teria a ganhar o Clube, que atingiria uma dimensão mais polivalente, desenvolvendo-se e alicerçando os seus sectores, Directivo, Desportivo, Recreativo e até Associativo. Nota-se a falta de uma organização estatutária, que viesse criar órgãos competentes, devidamente eleitos, para funções executivas (Direcção), deliberativas (A. Geral) e fiscalizadoras (Conselho Fiscal). Acabar-se-iam talvez, os improvisos, os três ou quatro «carolas» que a tudo têm de providenciar, tal como um pronto-socorro, desde o riscar do campo, como ao tratar de equipamentos, contactar equipes, cobrar quotas, para além de irem «agarrando» o Clube na intenção de não o verem cair de vez. Sobre isto muito mais se teria a dizer, e tudo isto está maduramente pensado, até porque já se têm, devidamente elaborados uns Estatutos, que deveriam ser postos à aprovação, e mais tarde se

os sócios assim o entendessem, competentemente oficializados.

A Direcção não descure as oportunidades que lhe possam surgir, no sentido de dar nova vitalidade ao Clube. Bem encaminhados estão assuntos ligados à construção dum recinto para a prática de outras modalidades amadoras (Voleibol, Futebol de Salão, Basquete), para além duma participação mais regular em provas a nível distrital. Projecta-se, finalmente, concluir os balneários, organizar sempre que possível, torneios de futebol com equipes de reconhecida valia, ao mesmo tempo que já se vai pensando no aproveitamento das nossas instalações, para os miúdos que futuramente frequentarão a nova escola a construir, ainda este ano. É por tudo isto, e porque estamos bem dentro dos problemas, que dizemos que a crise já lá vai. Aos sócios, que de facto o são e sempre o foram, só pedimos que nos dêem sempre o seu incentivo.

Durante o mês de Fevereiro o DIF realizou mais alguns jogos, que tiveram como ponto curioso, se terem traduzido em empates ao fim dos 90 minutos.

Assim, em Parelhal, depois de estarmos a vencer quase até ao fim por 4-2, viemos a consentir o empate nos últimos 10 minutos. Pelo DIF marcaram: Muller, Carlos, Teixeira e Licínio.

No nosso campo recebemos o Vila Seca, que assim nos retribuiu a visita que lhes tínhamos feito, e depois de estarmos a vencer por um folgado 3-0, acabamos por consentir 3 golos. Se o jogo tivesse mais uns minutos, concerteza teríamos perdido, pois a equipe desorientou-se na parte final do jogo. Marcaram pelo DIF: Carlos (2) e Teixeira.

No nosso campo novamente, e desta vez contra os Académicos de Barcelos, o DIF pese embora a sua boa exibição, não conseguiu melhor que um empate a 1 golo. Golo esse marcado por Licínio já no declinar do encontro.

Temos utilizado os seguintes jogadores: Guarda-Redes: Zé Manel e Carlinhos; Defesas: Lino, Alfredo, Zé Carvalho, Maia, Carlos Alberto, Rola; Médios: Muller, Zé Adelino, Teixeira, Filipe. Avançados: Carlos, Jorge, Vale, Licínio.

Amigos do Jornal

Correspondendo com generosidade, vários foram os nossos assinantes que para além do pagamento da sua assinatura (100\$); contribuíram com importâncias diversas, no intuito de ajudarem a custear a feitura deste jornal.

Com o nosso sincero obrigado, aqui ficam os seus nomes e sempre que semelhantes gestos se verificarem, o «ESTRELA DO FARO» não os olvidará, mencionando o nome dos nossos assinantes no espaço a que demos o nome de «Amigos do Jornal».

Manuel Augusto Neves Ferreira — Faro com 400\$00.
Licínio da Torre Lopes — Esposende com 150\$00.
Padre Manuel António Ferreira Afonso — Palme, com 50\$00.
António Pereira da Venda — Igreja, com 50\$00.
Albino da Silva Garrido — Barral, com 50\$00.
Manuel António Silva Norelho — Terroso, com 40\$00.
Álvaro Dias de Faria — Eira d'Ana, com 20\$00.
António Bajão Afonso — Barral, com 20\$00.
António Cruz e Silva — França, com 20\$00.
Carlos Alberto Camerino Enes — Eira d'Ana, com 20\$00.
Felfcia Gomes dos Santos — Barral, com 20\$00.
Manuel Jesus Martins — Curvos, com 20\$00.

NOVOS ASSINANTES

Continuamos neste número a assinalar o nome de mais alguns leitores que nos deram a honra e o prazer de se inscreverem como assinantes do «ESTRELA DO FARO».

António Baptista Ferreira Neves — Eira d'Ana.
António Chaves Vasco — Faro.
António Cruz e Silva — França.
António Domingos Fernandes Neto — Eira d'Ana.
António Faria Dias — Terroso.
António Fernandes Laranjeira — Faro.
António Fernandes Pires Brás — Igreja.
António Ferreira Santos — Faro.
António Gonçalves Jardim — Eira d'Ana.
António Gonçalves da Silva — Vila Nova de Gaia.
António de Jesus Barbosa — Vila Chã.
António Jesus da Silva — Santa Baia.
António Lima Dias — Susão.
António de Lima Lomba — Eira d'Ana.
António Lopes Alvas — Eira d'Ana.
António Miguel Loureiro Patrão — Vila Franca de Xira.
António Passos Neto de Faria — Faro.
António Pereira da Venda — Igreja.
António Santos Silva — Santo António.
António Vilas Boas de Almeida — Igreja.
Armindo Miranda Figueiredo — Eira d'Ana.
Armindo Santos Silva — Eira d'Ana.
Armindo do Vale Gomes — Faro.
Armindo Vilas Boas — Eira d'Ana.
Avelino Marques Dias — Eira d'Ana.

IRMÃOS FÁRIA, LDA.

PALMEIRA

Materiais de construção

Electrodomésticos

Ferragens

Drogas e agentes do BP Gás

Telefone 89743

PEREIRA & FARIAS, LDA.

PALMEIRA

— Telefone 89870/1 —

Fábrica de artefactos de cimento

FRICKS' MEN

DE Manuel Fernandes Garrido

FARO — PALMEIRA

Pronto a vestir para Homem, Senhora e Criança